

ARTE E CULTURA NOS JOGOS OLÍMPICOS: UM RESGATE À CRIATIVIDADE HUMANA

Art and culture at the Olympic Games: the recovery of human creativity

José Mauricio Capinussú

Resumo

O trabalho objetiva destacar a importância da arte e da cultura, em suas diversas manifestações, na representatividade dos Jogos Olímpicos, resgatando o que não foi concretizado desde Atenas, 1896, apesar do empenho de Pierre de Coubertin em tentar implantar uma Olimpíada Cultural, paralela às disputas atléticas, o que só foi conseguido em 1912. Tratava-se de uma iniciativa que se espelhava em procedimentos adotados na Grécia Antiga, quando os jogos se desenrolavam paralelamente a festivais de música, de dança, de canto e de balé, premiando-se todos os participantes, independente do brilhantismo ou não de suas apresentações. Também, procede-se a uma retrospectiva dos vencedores dos eventos culturais até os Jogos Olímpicos de 1948, quando os concursos foram extintos por suspeitas de fraude na execução das obras apresentadas. No epílogo do trabalho, faz-se uma rápida abordagem sobre a Academia Olímpica Internacional, igualmente, uma iniciativa do Comitê Olímpico Internacional (COI) em manter acesa a chama olímpica, no que tange aos ensinamentos transmitidos por renomadas autoridades do assunto "Olimpismo", através de jornadas anuais realizadas em Olímpia.

Palavras-chave: Olimpismo, Arte e Cultura, Jogos Olímpicos.

Abstract

The study aims to emphasize the importance of art and culture in its diverse manifestations in the representativity of the Olympic Games, recovering what has not been realized since Athens of 1896, despite the efforts of Pierre de Coubertin in trying to implant a Cultural Olympiad parallel to the athletic disputes, which was only achieved in 1912. This was an initiative that mirrored procedures adopted in Ancient Greece, when the games progressed parallel to festivities of music, dance, song and ballet, rewarding all the participants, independent of the brilliance or not of their presentations. The study also carry out a review of the winners of cultural events up to the Olympic Games of 1948, when the competition in cultural events was discontinued due to the suspicion of fraud in the execution of the works presented. In the epilogue of the study we deal briefly with the International Olympic Academy, also an initiative of the International Olympic Committee (ICO) in maintaining access to the Olympic flame, which relates to the teaching by renowned authorities regarding the Olympic cause, through the annual activities realized in Olympia.

Key words: Olympism, Art and Culture, Olympic Games.

INTRODUÇÃO

A preocupação com a cultura, de forma a evidenciar uma íntima ligação com princípios educacionais era, na prática, uma obsessão de Pierre de Coubertin. Em suas conferências, realizadas antes da reativação dos Jogos

Olímpicos, e, principalmente, após o início de uma nova fase, simbolizada por Atenas – 1896, a ênfase dada à cultura, representada pelas letras e pelas artes, expressava o sentimento de um personagem cujos pais alimentavam o desejo de proporcionar uma educação refinada ao filho. Acompanhando esta ânsia de seus progenitores, Coubertin

Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO) - Rio de Janeiro - RJ - Brasil.

Recebido em 20.02.2008. Aceito em 31.03.2008.

Revista de Educação Física 2008;141:44-50

se aprofundou nos estudos de história, de filosofia e de sociologia, nascendo, daí, a idéia de criar os concursos artísticos e literários que se realizariam em paralelo aos Jogos, premiando manifestações ligadas à arte (pintura, escultura, arquitetura, arte dramática e decoração), à música, ao balé e às letras.

Estava concretizada uma iniciativa acalentada por Coubertin desde o primeiro instante em que ele decidiu lutar, com a maior obstinação possível, por um fundo educacional para os jogos, inspirado, também, nos filósofos renascentistas (Rousseau, Fenelon, Rabelais, John Locke), que preconizavam o desenvolvimento do intelecto por meio do aprendizado das letras e das artes, em consonância com a prática do condicionamento físico, considerando que um corpo bem preparado era indispensável ao desenvolvimento do pensamento, ou seja, o raciocínio tornava-se mais lento se o corpo estivesse ocioso.

OLIMPÍADA CULTURAL

Durante conferência realizada em Paris, por ocasião da solenidade de criação do Comitê Olímpico Internacional (COI), em 23 de junho de 1894, Coubertin afirmou: “senhores, o homem não é um composto de duas partes: corpo e alma; há três: o corpo, o espírito e o caráter; o espírito não forma o caráter; este se modela pelo corpo. Isto os antigos sabiam e nós, a duras penas, estamos a aprender”. Naturalmente, quando se referia aos antigos, Coubertin de imediato levava seu pensamento à Grécia, fonte principal de sua inspiração para disseminar a idéia de criação dos Jogos Olímpicos da Idade Moderna.

O interesse de Coubertin pela história acabou por convertê-lo em um apaixonado historiador, sem implicar no sentido acadêmico do termo, mas como um esperto e devoto investigador do passado da humanidade. Sua “História Universal”, em quatro volumes, é um testemunho eloqüente desta apaixonada vocação. Dos 700 artigos e ensaios por ele escritos, mais de 200 têm, também, um conteúdo exclusivamente histórico e, mais da metade dos livros que integravam sua biblioteca, versavam igualmente sobre temática histórica, destacando-se, de forma especial: vinte e nove dedicados ao mundo grego-latino; doze, à história da arte; e trinta biografias históricas. Por isso, como um preito de respeito, Coubertin afirmava que “a história é a primeira de todas as ciências em importância e eficácia educativa”, ao ser o passado um conhecimento indispensável para o futuro, já que “todo o passado influi

sobre o futuro e nenhum futuro pode ser constituído sem levar em conta o passado”.

Referindo-se, ainda, à necessidade de manifestações intelectuais paralelas aos Jogos, Coubertin afirmava que “os Jogos Olímpicos constituem uma manifestação pedagógica que deve centralizar, como no passado, em torno do culto à juventude, o pensamento coletivo das provas e onde o êxito se medirá em razão da ação que exerça sobre este pensamento”, acrescentando que “a humanidade deve extrair de sua herança do passado todas as forças suscetíveis de serem empregadas na constituição do futuro”.

A integração da arte com o esporte foi outra das grandes aspirações de Coubertin, que, rememorando os Jogos de Olímpia como uma complexa reunião de atletas, escritores, poetas, historiadores e filósofos, concebeu, para os Jogos Olímpicos da Idade Moderna, uma configuração similar, onde o esporte, como entranha geradora de cultura, estivesse, por sua vez, rodeado de grandes manifestações culturais, pois, como afirmava, “os Jogos Olímpicos não têm por missão única a de exaltar somente a potência muscular. Pelo contrário, têm de ser também intelectuais e artísticas”.

Obcecado por criar uma relação, oficial e estável, entre as artes e o esporte, durante os Jogos Olímpicos, Coubertin convocou, em 23 de maio de 1906, uma Conferência Consultiva das Artes, Letras e Esportes, realizada nos salões da *Comédie Française*, de Paris, com a presença de destacados escritores e artistas, em número de sessenta. Objetivava-se estudar em que medida e sob que forma as letras e as artes poderiam participar na celebração dos Jogos Olímpicos Modernos e, sob o aspecto geral, associar-se à prática dos esportes, para deles se beneficiar e enobrecê-los.

O programa, submetido às deliberações da conferência consultiva, era o seguinte:

Arquitetura

Condições e características do ginásio moderno. Instalações ao ar livre e instalações urbanas: piscinas, estádios, pistas eqüestres, clubes náuticos, salas de armas (esgrima), materiais e motivos arquitetônicos. Gastos e pressupostos.

Arte dramática

Representações ao ar livre; princípios essenciais. Os esportes no palco (teatralização do gesto esportivo).

Coreografia

Cortejos, desfiles, movimentos coordenados, danças rítmicas.

Decoração

Tribunas e recintos. Mastros, escudos, grinaldas (coroas de flores), tapeçarias, coleções de armas colocadas nas paredes. Festas noturnas, esportes com tochas.

Letras

Possibilidade de promover concursos literários sobre temas olímpicos; condições para participar destes concursos. A emoção esportiva, fonte de inspiração para o homem de letras.

Música

Orquestras e coros ao ar livre. Repertório. Ritmos. Fanfarras (bandas). Condições para promover um concurso musical olímpico.

Pintura

Silhuetas individuais e aspectos de conjunto. Possibilidades e condições de um concurso olímpico de pintura. Ajuda concedida ao artista autor de fotografia instantânea.

Escultura

Atitudes e gestos atléticos; suas relações com a arte. Interpretação do esforço. Objetos de premiação: estatuetas e medalhas.

Depois de muitas análises e discussões, a Conferência atingiu os objetivos propostos, selecionando-se cinco concursos a serem oferecidos ao Comitê Olímpico Internacional sobre arquitetura, música, escultura, pintura e literatura, destinados a promover, quadrienalmente, obras inéditas, diretamente inspiradas na prática esportiva.

A primeira realização dos concursos artísticos ocorreu nos Jogos Olímpicos de Estocolmo (1912), concedendo-se prêmios em quatro modalidades denominadas “Belas Artes,” em seu conjunto, e um, em literatura:

- concurso de música, vencido pelo italiano Ricardo Barthelemy, com a composição “Marcha Olímpica Triunfal”;
- concurso de arquitetura, em que o primeiro lugar coube aos suíços Monod e Laverrière, com o projeto de construção de um estádio moderno;
- concurso de pintura, sendo o italiano G. Pelligrini o vencedor, com a obra “Esporte de Inverno”;
- concurso de escultura, cabendo o primeiro lugar ao norte-americano Walter Winans, com o trabalho “Um Trote Americano”, representando um carro tracionado por um cavalo trotando em um picadeiro; e
- concurso de literatura, em que o prêmio referente ao vencedor coube ao trabalho “Ode ao Esporte”, autoria de George Hohrod e M. Eschbach, pseudônimos de Pierre de Coubertin, desenvolvido em nove períodos, o primeiro deles assim escrito:

“Oh! Esporte, prazer dos deuses, essência da vida! Apareceste de pronto, em meio à triste claridade em que se agita o ingrato trabalho da existência moderna, como mensageiro radiante dos anos passados, anos aqueles em que a humanidade sorria. E sobre o cimo dos montes, pousou um resplendor de aurora e raios de luz iluminaram o escuro bosque.”

Os demais períodos começavam sempre com “Oh! Esporte”, enaltecendo a beleza, a justiça, a audácia, a honra, a alegria, a fecundidade, o progresso e a paz, revelando todo aquele sentimento puro e nobre com o que Coubertin entendia ser prática esportiva.

Observa-se, portanto, que, dos oito concursos propostos, na Conferência de 1906, cinco foram selecionados para debutar seis anos mais tarde, o mesmo ocorrendo em 1920, nos Jogos Olímpicos de Antuérpia, que apresentaram, como novidade, a presença das mulheres:

- concurso de pintura, com a francesa Madame de Polancka ganhando o segundo lugar em pintura, em um concurso que não outorgou o primeiro prêmio, por decisão do júri que não viu nenhum trabalho brilhante o suficiente para um primeiro lugar, o que aconteceria posteriormente em outros concursos;
- concurso de escultura, em que o belga A. Collin, com o trabalho “A Força”, foi o primeiro colocado;
- concurso de arquitetura, em que, também, não foi concedida premiação ao primeiro lugar, cabendo ao

norueguês S. Parsen a segunda colocação, com a obra “Projeto para uma Escola de Ginástica”;

- concurso de música, sendo outra mulher premiada, com a segunda colocação, a italiana Riva Oreste, com a obra “Epinicio” (canto com que se celebra uma vitória). O belga G. Monier foi o vencedor, com a obra “Olímpico”; e
- concurso de literatura, em que outro representante da Itália, Raniero Nicolai, obteve o primeiro lugar, com o trabalho “Canções Olímpicas”;

Quatro anos mais tarde, nos Jogos de Paris, o conjunto de concursos excluiu a música, sendo realizados:

- concurso de arquitetura, que não premiou o primeiro lugar, mas o segundo, com a dupla húngara constituída por A. Hajos e D. Lauber, apresentando o trabalho “Planejamento para a Construção de um Estádio”;
- concurso de literatura, em que o francês G. Charles ficou em primeiro lugar, ao apresentar o trabalho “Les Jeux Olympiques”;
- concurso de pintura, sendo que a primeira colocação coube a J. Jacoby, de Luxemburgo, com a obra “Estudo do Esporte”; e
- concurso de escultura, em que o grego Constantino Dimitriadis, com a obra “Discóbolo Finlandês”, obteve o primeiro lugar.

Os Jogos de Amsterdam, em 1928, apresentaram um verdadeiro festival de Belas Artes e Cultura, com onze concursos, assim distribuídos, com os respectivos vencedores:

- concurso de arquitetura, em que Jan Wils, da Holanda, ganhou a primeira colocação com o trabalho “Estádio Olímpico de Amsterdam”, projeto que se concretizou na prática;
- concurso projetos de cidades, sendo A. Hensel, da Alemanha, o vencedor com o trabalho “Estádio de Nuremberg” ;
- concurso de música lírica, onde o vencedor foi K. Wierzynski, da Polônia, com a obra “Laur Olimpimjski”;
- concurso de obras dramáticas, uma novidade, que não concedeu premiação ao primeiro lugar, ficando

o italiano Luca de Bosis com a segunda colocação, com o trabalho denominado “Icaro”;

- concurso obras épicas, que também era uma novidade, concedeu o primeiro lugar ao húngaro F. Mezo com “A História dos Jogos Olímpicos”;
- concurso de composições para orquestra, que premiou apenas o terceiro lugar, com o dinamarquês Rudolf Simonsen apresentando a “Sinfonia nº 2 Hellas”, homenageando a magistratura grega;
- concurso de pintura, que classificou o holandês I. Israels, com a obra “Cavaleiro Vermelho”, em primeiro lugar.
- concurso de desenho, outra novidade, teve como vencedor J. Jacoby, de Luxemburgo, que quatro anos antes, em Paris, obteve o primeiro lugar em pintura. Desta vez, Jacoby apresentou o trabalho denominado “Rugby”, retratando, na ponta do lápis, uma partida desta modalidade;
- concurso de obras gráficas, mais uma novidade na festa das Belas Artes, concedeu o primeiro lugar ao inglês W. Nicholson, com o trabalho “Um Almanaque de Doze Esportes”;
- concurso de escultura, que premiou P Landowski, francês, em primeiro lugar com a obra “Boxeador”; e
- concurso de relevos e medalhões, a última das novidades, que coube ao austríaco E. Griener, com o trabalho “Medalhas”, o primeiro lugar.

Em 1932, os Jogos de Los Angeles, novamente ricos na área dos concursos de Belas Artes, apresentaram nove eventos, a seguir descritos com seus respectivos ganhadores do primeiro lugar:

- concurso de pintura: David Wallin (Suécia), com o trabalho “Praia de Arild”;
- concurso de aquarela e desenho : Lee Blair (Estados Unidos), com a obra “Rodeio”;
- concurso de obras gráficas: Joseph Webster Goloukin (Estados Unidos), com “Tesoura de Perna”, representando um golpe comum nas competições de luta;
- concurso de escultura: Mahouri Young (Estados Unidos), com “The Knockdown”, golpe de grande impacto no boxe, em que um dos lutadores leva o outro à lona.

- concurso de relevos e medalhas: Joseph Klukowski (Polônia), com o trabalho “Escultura Esportiva”;
- concurso projetos de cidades: John Hughes (Inglaterra), com o trabalho “Projeto para Construção de um Centro de Recreação e Esportes na Cidade de Liverpool”;
- concurso de arquitetura: Gus Saake, Pierre Bailey e P. Montenot (França), com a obra “Circo para Touradas”;
- concurso de literatura: Paul Bauer (Alemanha) com o trabalho “No Kangehenzonga,” um conto de ficção sobre atividade física na África; e
- concurso de música: não foi concedida a premiação para o primeiro lugar, mas apenas para o segundo, ganho por Josef Suk (Tchecoslováquia), com a obra “Uma Vida Nova”

Em Berlin, 1936, novamente, o evento de Belas Artes apresentou um festival, desta vez com os concursos, assim distribuídos, e seus devidos vencedores:

- concurso projetos de cidades: Werner e Walter March (Alemanha), com o trabalho “Praças de Esportes do III Reich”;
- concurso de arquitetura: Herman Kutschera (Alemanha), com “Estádio de Esqui”;
- concurso de pintura: não houve premiação para o primeiro lugar. A segunda colocação coube ao austríaco Rudolf Hermann Eisenmenger, com o trabalho “Corredor a Caminho da Chegada”;
- concurso de aquarela e desenho: também não ocorreu a premiação do primeiro lugar. Em segundo, ficou o italiano Romano Dazzi, com o trabalho “Quatro Desenhos para Fresken”;
- concurso de artes gráficas: A. W. Diggelmann (Suíça), com “Cartaz Arosa I”;
- concurso de escultura: Farpi Vignoli (Itália), com “Condutor de Carros”, retratando, uma corrida de bigas na antiga Grécia;
- concurso de relevos: Emil Sutor (Alemanha), com a obra “Corredor de Barreiras” (barreirista);
- concurso de medalhas: também não houve classificação para o primeiro lugar. O italiano Luciano Mercante, com “Medalhas”, ficou na segunda colocação;

- concurso de música lírica: Felix Dhunen, Sondinger (Alemanha), com a canção “O Corredor”;
- concurso de música épica: Urho Karhumaki (Finlândia), com “Avoveteen”;
- concurso de canções para solistas ou coro: um novo concurso inserido na programação das Belas Artes, sendo vitorioso o alemão Paul Hoffer, com a canção “Juramento Olímpico”;
- concurso composições instrumentais: outra novidade, conferindo menção honrosa para o italiano Gabriele Bianchi, com “Dueto Improvisado”; e
- concurso composição para orquestra: também entrando pela primeira vez, este concurso classificou, como vencedor, o alemão Werner Egk, com “Festival Musical de Olimpíada.”

Nos Jogos de Londres, em 1948, os concursos também foram variados e em bom número, chegando a doze: nove, em Belas Artes, e três, em Literatura:

- concurso planejamento de cidades: Yrjo Lindegran, finlandês, ganhou o primeiro prêmio, com o trabalho “O Centro Atlético de Varkaus, Finlândia”;
- concurso de projetos arquitetônicos: o primeiro lugar coube ao austríaco Adolf Hoch, com o trabalho “Pista de Esqui sobre o Kobenzi”;
- concurso de pintura e artes gráficas, óleos e aquarelas: o inglês A.R. Thompson, com o trabalho “Campeonatos Amadores de Londres”, ganhou o primeiro prêmio;
- concurso de gravuras em estamperia: uma das novidades, teve como vencedor o francês Albert Decaris com o trabalho “Piscina”;
- concurso de escultura: o primeiro lugar coube ao sueco Gustaf Nordahl, com “Homenagem a Ling”;
- concurso de trabalhos de alto relevo: não foram concedidos os dois primeiros lugares, cabendo a terceira colocação ao inglês Rosamund Fletcher, com o trabalho “O final da Cobertura”;
- concurso de medalhas e placas: ninguém foi contemplado com o primeiro lugar, cabendo ao austríaco Oskar Thiede a segunda colocação, com o trabalho “Oito Placas Esportivas”;
- concurso de obras líricas: premiou o finlandês Aale Tinny, com “Lauréis de Hellas”;

- concurso de obras dramáticas: foi concedida menção honrosa para o trabalho “O Desafio”, das uruguaianas Clotilde Luisi e Maria Podesta;
- concurso de literatura épica: o conto “A Gruta”, de autoria do italiano Gianni Stuparich, classificou-se em primeiro lugar;
- concurso de música: só premiou o terceiro lugar, obtido por Gabriele Bianchi, da Itália, com a obra “Hino Olímpico”;
- concurso de composições instrumentais: não houve premiação para o primeiro lugar, cabendo a segunda colocação ao canadense John Weinz Weig, com o trabalho “Divertimento para Solo de Flauta e Cordel”; e
- concurso de composições para coro e orquestra: a primeira colocação coube à obra “Sinfonia Olímpica”, do polonês Ibignew Turki.

Após os Jogos de Londres, recrudesceram as suspeitas de compra de trabalhos por parte de alguns concorrentes premiados, chegando o Comitê Olímpico Internacional a abrir sindicância, no sentido de investigar a veracidade das denúncias. Como nada se comprovou, pairando no ar apenas dúvidas, o Comitê deixou de considerar os concursos, principalmente, a premiação. O que ainda existe é a permissão de se fazer exposições de obras de arte e até de filatelia, como a belíssima coleção de selos do ex-presidente do COI, Juan Antonio Samaranch, exibido em Barcelona, durante os jogos de 1992.

DIFUSÃO DOS IDEAIS OLÍMPICOS

Contrariamente aos Jogos de Atenas, em 1896, o fracasso dos Jogos de Paris, em 1900, e de Saint Louis, em 1904, quando o ideal olímpico esteve ausente, alarmou o Barão de Coubertin, que sempre procurou manter a veia cultural do olimpismo, através dos Congressos Olímpicos (Paris, 1894; Havre, 1897; Bruxelas, 1905; Paris, 1906 e Lausanne, 1913). Diante da preocupante situação, Coubertin enviou uma carta ao governo alemão, logo após a Olimpíada de Berlim, propondo a criação de um Centro de Estudos Olímpicos, enfatizando que “há de se legar todos os documentos e projetos não concretizados

referentes ao conjunto do olimpismo renovado e que ajudará, mais do que qualquer outra iniciativa, a manutenção e o apreço da minha obra, preservando-a dos desvios que há muito me preocupam e que poderão ser cometidos contra ela” (Corral, 1994).

Vinte e cinco anos depois, Carl Diem e Juan Ketseas, após múltiplas vicissitudes, deram corpo à idéia de Coubertin, criando a Academia Olímpica Internacional, cuja sessão inaugural ocorreu com uma conferência de Diem, em 16 de junho de 1961. Na oportunidade, Diem justificou a necessidade da existência de um órgão, direcionado ao estudo e à investigação do ideal olímpico, que, de forma permanente, difundisse os princípios olímpicos, defendendo-os dos abusos e dos ataques desferidos contra o olimpismo, provocados pela ambição, pela ânsia de poder e pela ignorância.

O surgimento da instituição, sediada em Olímpia, possibilitou a criação de congêneres, vinculados aos Comitês Olímpicos Nacionais de vários países, objetivando difundir e defender os valores filosóficos do movimento olímpico, tal como os concebeu Pierre de Coubertin. A este respeito, a norma 31, da Carta Olímpica, estabelece como missão primordial dos Comitês Olímpicos Nacionais: o fomento e a proteção do movimento olímpico em seus respectivos países e, de forma muito especial, a criação e a promoção das Academias Olímpicas Nacionais.

CONCLUSÃO

Pode-se admitir que o aparecimento da Academia Olímpica Internacional, com seus eventos anuais, em que se procura manter viva a chama do Olimpismo, veio substituir, até de uma forma mais sadia, os concursos de arte e literatura. Estes concursos que, a princípio, eram incentivadores da veia cultural do movimento olímpico, posteriormente, foram invadidos por aventureiros em busca de extravasar sua vaidade, pagando um alto preço para que outros produzissem trabalhos e eles aparecessem como os autores. Infelizmente, as tentativas do COI em esclarecer os fatos foram infrutíferas, levando o órgão a cancelar os referidos concursos, após os Jogos Olímpicos de Londres, em 1948.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COLLINS D. Olympic Dreams. New York: Universe Publishing/ United States Olympic Committee (USOC), 1996.
- COMITÊ OLÍMPICO DE PORTUGAL. A Grande História dos Jogos Olímpicos. Matosinhos, Portugal: Quidnovi, 2004.

CORRAL CD. Pierre de Coubertin. El Humanista Olímpico. Lausanne: Musee Olimpique, 1994.

COUBERTIN P. Ideário Olímpico. Madri: INEF, 1973.

FAURIA J. Las Olimpíadas. Barcelona: Editorial Hispano Europea, 1968.

HENRY B. An Aproved History of the Olympic Games. New York: GP Putnam's Sons, 1955.

MACALON JJ. This Great Symbol: Pierre de Coubertin and the Modern Olympic Games. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

RAMOS JJ. Os Exercícios Físicos na História e na Arte. São Paulo: Ibrasa, 1982.

Endereço para correspondência:

Av João Luiz Alves, s/nº
Fortaleza de São João - Urca
Rio de Janeiro - RJ - Brasil
CEP 22291-090
e-mail: jmcapinussu@hotmail.com

ACESSE

www.revistadeeducacaofisica.com.br

**E LEIA, GRATUITAMENTE,
TODOS OS ARTIGOS PUBLICADOS,
DESDE 1932.**

REVISTA DE
EDUCAÇÃO FÍSICA

Há 76 anos, divulgando a Educação Física no Brasil.